

Mais*

PREFEITURA CELEBRA CARNAVAL, MAS RESSALTA NECESSIDADE DE VALORIZAR O CIRCUITO OSMAR

DE OLHO EM 2021

Carnaval Desafio agora é revitalizar o Centro e evitar colapso no Barra-Ondina

Thais Borges

REPORTAGEM

thais.borges@redebahia.com.br

Quem esteve ou viu imagens dos circuitos Campo Grande (Osmar) e Barra-Ondina (Dôdô) nos dias oficiais do Carnaval de Salvador notou a diferença: um bem mais cheio que o outro. Em alguns momentos, chegava a ser desproporcional o quanto o Centro estava esvaziado e a Barra, por sua vez, apertada, praticamente atingindo seu limite.

Os principais circuitos – incluindo o pré-Carnaval – e os bairros, segundo a prefeitura, somaram 16,5 milhões de foliões no Carnaval deste ano, público recorde. Mas tinha muito mais gente na Orla do que na Avenida.

Enquanto o Barra-Ondina recebeu 6,9 milhões de pessoas de quinta-feira (20) a anteontem, o público do Campo Grande mal chegou à metade disso, com 3,4 milhões pessoas, de acordo com a Polícia Militar. Mas, se a prefeitura e o governo do estado têm investido em trios sem corda no Campo Grande, o que falta?

Para o prefeito ACM Neto (DEM), não há dúvidas: não há como fortalecer o Centro ou salvar a Barra do colapso só com iniciativa pública.

“O poder público não pode fazer tudo sozinho e, se não houver vontade e consciência de outros atores (envolvidos na folia), isso não vai mudar. Aí, os artistas têm um papel imprescindível nessa história. A prefeitura, assim como o governo, pode vir e patrocinar, mas o artista tem que querer vir junto”, pontuou Neto ontem, em entrevista coletiva de avaliação do Carnaval 2020, no camarote oficial, no Campo Grande.

O domingo de Carnaval no Campo Grande, por exemplo, foi considerado o dia mais fraco de público, na avaliação da prefeitura. “Não ficamos satisfeitos com o resultado, mas eu, Isaac Edington (presidente da Sultur) e Claudio

Tinoco (secretário municipal de Cultura e Turismo) nos envolvemos pessoalmente na composição da agenda do domingo e não conseguimos”, revelou Neto.

Foi o contrário da terça-feira, que contou com desfiles de Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Psirico e La Fúria. “Isso não tem a ver com dinheiro, porque nós propusemos o pagamento de cachês, mas não conseguimos compor uma agenda mais robusta no domingo. Ivete quis tocar no Campo Grande, mas existem outros que não querem, outros artistas que não têm agenda. Mas eu não posso obrigar que blocos de trio e camarotes venham para cá. É preciso que todos sentem e decidam”, definiu.

O que não pode, para ele, é haver um “colapso” do Barra-Ondina. “Andei todos os dias no circuito e foi evidente que sábado, domingo e segunda foram dias hiperlotados e que não cabia mais nenhuma pessoa lá”, ponderou.

DE SAÍDA

O processo de migração de blocos e artistas em direção à Barra era perceptível desde 2013. De lá para cá, a principal mudança, na visão de ACM Neto, foi o reencontro das pessoas com a rua. Se, antes, havia uma discussão sobre a desigualdade social envolvendo blocos com cordas e camarote, os trios para a pipoca tornaram essa convivência mais harmônica.

“Essa mudança é resultado de uma aposta que fizemos para dar vida longa ao Carnaval. Era fundamental devolver a rua ao folião. Era fundamental assegurar o espaço para as pessoas que fazem a festa”, completou.

Em 2014, segundo ACM Neto, primeiro ano em que sua gestão participou com mais antecedência do planejamento da festa, houve tentativas de mudança no Centro. Foi o caso do redesenho do circuito, com a exclusão da Rua Carlos Gomes do percurso oficial. A pedido de agradações, a via se tornou fa-

16,5

milhões de pessoas curtiram a festa em Salvador, desde o pré-Carnaval, incluindo os bairros

2,6

mil horas de música, em 1.016 apresentações

5,6

mil atendimentos foram feitos nos módulos de saúde – 13% a mais que em 2019

8,7%

foi o quanto aumentaram os casos de intoxicação alcoólica – 550 casos

39%

foi o quanto reduziram os atendimentos por agressões por arma branca – foram 155 registros



cultativa naquele ano.

A mudança, porém, não vingou. No ano seguinte, houve retorno. “Os blocos foram, os artistas foram e o folião foi (para a Barra)”, disse. Só que, desde então, a administração pública – seja municipal, seja estadual – vem investindo em trios pipoca com grandes atrações para chamar os foliões de volta. Nem sempre, porém, o convite é aceito pelos artistas. Nesse caso, reforçou o prefeito, não é possível fazer muito, nem obrigar que ninguém se apresente no circuito.

Ao longo dos anos, vieram outras iniciativas, como o Furdunço da sexta-feira de Carnaval e os espaços alternativos, como os palcos multicultural, do samba e o das origens, criado este ano.

“Por outro lado, o circuito precisa ter uma articulação melhor para ter uma cadência, uma harmonia, para que seja mais agradável para o folião. Independente de seguir, o folião deve se sentir atraído para permanecer no circuito”, opinou Claudio Tinoco.

No passado, já houve ca-

marotes privados em pelo menos outros dois pontos do Centro – no Forte de São Pedro e na Praça Castro Alves. O retorno desses espaços, segundo o secretário, poderia atrair o público que é mais contemplativo.

O principal, porém, ainda é atrair os artistas. “Sem dúvida nenhuma, existe uma resistência, muito mais pela viabilidade econômica. Ninguém vai colocar camarote privado para que não haja público para comprar”, disse Tinoco.

ESTRUTURAS

Na Barra, uma das iniciativas que pode ser feita é a redução das estruturas no circuito. Isso inclui desde aquelas que são colocadas pela prefeitura até as do governo do estado, de outras entidades públicas da iniciativa privada.

Além disso, há iniciativas como o próprio fortalecimento do Carnaval dos bairros como forma de não concentrar a folia em um único ponto. Em 2020, os 10 bairros que receberam atrações reuniram mais de um milhão de

4,9

milhões de pessoas usaram o sistema convencional de ônibus da cidade

362

documentos perdidos foram recolhidos – 40,9% a mais que em 2019

43

pessoas foram diagnosticadas com HIV; mais de 1 milhão de preservativos foram distribuídos

Nelson Cadena Carnaval nasceu do interesse de ganhar dinheiro divertindo-se

PÁG. 17

Coronavírus Teste feito em bebê internado em Itabuna descarta contaminação

PÁG. 19



Prefeito ACM Neto, vice Bruno Reis e secretários fizeram balanço do Carnaval, ontem, em coletiva

Ocupação hoteleira de Salvador tem média de 95%

A ocupação hoteleira de Salvador ficou, em média, em torno de 95%, chegando a atingir 98% e 100% em alguns hotéis, especialmente os mais próximos dos circuitos da festa. Os dados foram divulgados ontem pela Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH-BA).

“A ocupação do Carnaval, normalmente, é muito alta, mas, em relação ao ano passado, temos observado um crescimento entre 2% a 3%. Os hotéis cheios são um reflexo de que os turistas estão procurando Salvador realmente, não só no Carnaval, mas no Verão como um todo. A folia é como se fosse um ápice dessa ocupação”, diz Luciano Lopes, presidente da entidade.

Também houve um crescimento em torno de 15% nos bares e restaurantes situados na zona turística da cidade, segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes

na Bahia (Abrasel-BA).

Na Vila Jardim dos Namorados, na Pituba, os donos dos restaurantes comemoram a lotação e o recorde de vendas, contabilizando aumento de mais de 100% durante todos os dias de Carnaval. Na Vila Caramuru, no Rio Vermelho, o pico de movimento foi no final de semana carnavalesco, com 100% de ocupação das mesas.

Ao lado dos bares e restaurantes, os vendedores ambulantes credenciados pela Prefeitura para trabalhar na folia também celebram o crescimento de 20% nas vendas, em comparação ao mesmo período do ano passado.

“O Carnaval agora está mais forte na Barra e no Pelourinho, mas a expectativa da categoria é de boas vendas com o grande número de atrações sem corda também no Centro”, afirmou o presidente do Sindicato dos Am-

“A ocupação do Carnaval, normalmente, é muito alta, mas, em relação ao ano passado, temos observado um crescimento entre 2% a 3%”
Luciano Lopes
Presidente da ABIH-BA

bulantes Barraqueiros e Quermesseiros da Bahia, Marcos Cazuza.

Um dos fatores para o crescimento é o aumento de turistas de outros estados na cidade, perfil que costuma gastar mais que o visitante baiano e que o de outros países, segundo pesquisa da prefeitura.

A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult) estima a presença de 854 mil visitantes no Carnaval. Entre eles, 435,8 mil foram do interior da Bahia; 331,5 mil visitantes de outros estados, com destaque para São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Distrito Federal; e 86,2 mil de estrangeiros vindos, principalmente, da Argentina, França, Estados Unidos, Alemanha, Espanha e Inglaterra.

Entre 17 de fevereiro até o próximo dia 1º de março, 2.407 voos estão programados para a capital. O número é 11% maior que o do ano passado e representa uma média de 170 voos por dia. Ao todo, são 382.621 assentos disponibilizados pelas agências de viagem nesses aviões (9% a mais que em 2019) e 189 voos extras (4% a mais que no ano passado).

Daniela aposta em ligação emocional com Centro

“O poder público não pode fazer tudo sozinho e, se não houver vontade e consciência de outros atores (envolvidos na folia), isso não vai mudar”
ACM Neto
Prefeito de Salvador

Quando Daniela Mercury decidiu desbravar a Barra, no final da década de 1990, o cenário no Campo Grande era parecido com a situação atual do circuito Dodó. “Eu cheguei a fazer 11 horas de desfile no Centro engarrafado. Eu fui para o circuito da Barra porque a Avenida era impraticável”, lembrou, ontem, em entrevista ao CORREIO.

Para ela, algumas situações são naturais. Fazem parte do ciclo e da própria lógica de renovação das cidades. E isso inclui trazer novos blocos, camarotes e artistas para o circuito tradicional.

“Eu sei que governo e prefeitura não podem impedir iniciativas, nem direcionar a totalidade das iniciativas privadas. Fica aí também um chamado para a população como um todo”, reforçou.

Para ela, é preciso resgatar a história da cidade – e isso inclui o Centro, a Praça Castro Alves. Uma possibilidade de envolver a sociedade, além da classe artística, é de recontar a história desses locais, sensibilizando novas



Daniela foi a primeira a ter um camarote na Barra; ela acredita que fluxo acaba voltando

gerações e jovens artistas. Os grandes artistas, enfim, não deixam de ter responsabilidade, já que renovam seu público.

“Mas, também há a necessidade de sensibilizar a cidade e a população, fazendo coisas direcionadas ao sentido emocional do Centro. Tanto prefeitura e governo quanto a sociedade podem fazer eventos culturais durante o ano falando da importância de movimentos como a Caetanave, a Tropicália, o tri elétrico”, enumerou.

É o momento também de se abrir a novos agentes culturais – blocos, artistas e outras agremiações de cidades como São Paulo e Rio de Ja-

“Eu acho que vai acontecer naturalmente, até pelo limite que existe na Barra. Chega uma hora que não tem jeito, o fluxo acaba voltando”
Daniela Mercury
Cantora, sobre movimento de volta dos foliões e artistas ao Centro

neiro que porventura queiram vir para Salvador: “Eu acho que vai acontecer naturalmente, até pelo limite que existe na Barra. Chega uma hora que não tem jeito, o fluxo acaba voltando”.

Foi Daniela também a primeira a fazer um camarote na Barra: “Todas as cidades passam por processos e isso tem a ver com a própria urbanização. O Centro ficou desvalorizado durante alguns anos. Tem que voltar a ser pujante, econômico, residencial, e quem sabe a gente consiga fazer isso como estratégia o ano inteiro”.

O CORREIO procurou outros artistas para falar do Centro, mas não teve retorno.

peças ao longo de todos os dias de festa.

“Ontem (terça-feira), vi um módulo da vigilância sanitária virado para o circuito. Para quê? É possível botar atrás todas essas estruturas. Outro ponto que pode contribuir é a presença de serviços importantes, mas que tomam espaço, como módulos de vendas de alimentação em Ondina. Tem que pegar o mapa do circuito e ver o que cabe e o que não cabe”, avaliou Neto.

O planejamento para o Carnaval de 2021 já começou. A festa começará mais cedo – o Fuzuê acontecerá dia 6 de fevereiro. Este ano, foi dia 15.

“Quando cheguei, em 2013, tive pouquíssimos dias para organizar a festa. Era tudo no improviso, sem o profissionalismo de 10 mil pessoas envolvidas. Ano que vem, não serei mais o prefeito e, se meus planos funcionarem, não estarei nem aqui no Carnaval, mas a gente tem o dever de deixar tudo preparado. Qualquer que seja o prefeito, vamos ter um trabalho de transição em conjunto”, garantiu.